

Cortes de verbas ameaçam a pesquisa agropecuária

Augusto Carlos
Baier (*)

S.O.S. (save our souls = salvai as nossas almas) é o sinal convencional da radiotelegrafia internacional, que anuncia que o navio, avião, etc., de onde provém, se encontram em perigo grave e iminente e pedem socorro. A situação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), bem como da maioria dos sistemas estaduais de pesquisa agropecuária, assemelha-se à de uma nave à deriva.

Os investimentos alocados à pesquisa agropecuária, nas últimas duas décadas, apresentam uma das mais altas taxas de retorno, entre todos aqueles feitos na história recente do País.

Apesar da dificuldade de estimar a rentabilidade dessas inversões, saltam à vista as conseqüências benéficas, sendo que avaliações apontam para retornos líquidos internos superiores a 40% ao ano.

Apoiada nos avanços da indústria de insumos (sementes, máquinas, fertili-

zantes), na assistência técnica, no crédito à produção e à comercialização, a pesquisa contribuiu significativamente para a ampliação da bovinocultura, da avicultura, da suinocultura; à expansão da agricultura nos cerrados, do cultivo da soja — que inclusive foi levada para regiões tropicais —, do cultivo da cana-de-açúcar, da laranja, da maçã, do trigo, etc.

Vejamos o impacto sobre a cultura do trigo. Há anos buscava-se aumentar a produção interna, incentivando-a de várias formas — prêmios a agricultores e a moinhos, subsídio ao crédito, à aquisição de máquinas ou de fertilizantes — e qual o resultado? Moinhos fantasmas, trigo-papel, adubo-papel! Porém, com a ampliação da pesquisa, a partir de 1974, foram desenvolvidas variedades mais produtivas, resistentes às doenças, ao solo ácido, a climas mais quentes e úmidos. Incorporou-se um conjunto de práticas agronômicas mais eficientes, desenvolveu-se um sistema

racional de uso de fertilizantes e corretivos, introduziram-se vespinhas que controlam o pulgão, uma praga que requeria várias aplicações de inseticidas, que, além do custo, causam danos ao ambiente.

A produtividade do trigo evoluiu de um patamar histórico de 800 quilos por hectare para outro de 1.600, em menos de quinze anos, com potencial para duplicar outra vez nos próximos quinze anos.

E isto a custos decrescentes, pois o produtor recebia o equivalente a US\$ 280 por tonelada, valor posteriormente reduzido para 240 e para 182 nas três últimas safras. Lucraram os agricultores, lucrou a economia do País, mas lucraram especialmente os milhões de cidadãos pela garantia da produção interna deste grão.

O orçamento da Embrapa, que equivalia a US\$ 250 milhões anuais, foi reduzido para US\$ 100 milhões entre 1983 e 1988, havendo, como conseqüência, redução nos recursos de manutenção, nos investimentos, nos

salários e na reposição de pessoal. Muitos dos mais brilhantes pesquisadores, técnicos, laboratoristas, técnicos agrícolas, auxiliares de pesquisa ou de apoio administrativo estão procurando empregos mais bem remunerados. Outros se acomodam, perdendo entusiasmo, capacidade criativa e espírito inovador, características vitais nesta atividade. Há vários anos a Embrapa não contrata pessoal de nível médio e superior para as vagas criadas pelas demissões voluntárias, sem falar na urgente abertura de novas frentes de pesquisa.

Para que a pesquisa agropecuária, em especial a Embrapa, possa continuar seu trabalho, dando sua contribuição para o desenvolvimento do País, é necessário:

- Criar carreiras funcionais à semelhança daquelas das Forças Armadas ou dos bancos oficiais tradicionais, onde seja previsto que somente servidores de destacada capacidade técnica galguem os postos de comando.

- Desenvolver mecanis-

mos de avaliação, baseados em consultorias técnicas, permitindo reorientações contínuas nos programas de pesquisa.

- Manter um fluxo adequado de recursos para manutenção, investimento e capacitação.

- Pagar salários compatíveis.

- Possibilitar transferências ou contratações para preencher ao menos parte das vagas.

Para que a rentabilidade deste investimento não seja comprometida, é imprescindível que as lideranças políticas dos partidos, os líderes rurais, os dirigentes industriais e comerciais e os líderes trabalhistas atendam a este pedido de S.O.S., mobilizando-se para conscientizar as autoridades governamentais sobre o risco dos cortes nesta atividade estratégica para a nação brasileira.

(*) Presidente da International Triticale Association; pesquisador da Embrapa (Rio Grande do Sul); doutor em agronomia pela Universidade Técnica de Munique.